

ISSN: 2176-5960

PROMETEUS FILOSOFIA
CATEDRA UNESCO ARCHAÍ VIVA VOX
abril de 2017 número 22

ISSN: 2176-5960



A VIRTUALIZAÇÃO HUMANA

Luiz Roberto Alves
Doutor em filosofia
Professor do IFRN

RESUMO: O trabalho aqui apresentado pretendeu traçar um viés analítico filosófico acerca da relevância da tecnologia na vida das pessoas, especificamente das tecnologias de rede social. Nesse sentido, fez-se necessário observar alguns aspectos importantes acerca técnica e da tecnologia. Desta feita, o labor foi dividido em três partes principais, de forma que em um primeiro momento o escopo foi apresentar a real pertinência do problema, tentando mostrar que os aparatos técnicos desempenham um papel central nas relações sociais. Diante disso, em um segundo momento foi objetivado expor os arrazoados acerca da preponderância da virtualização na vida moderna. Destarte, na última parte do trabalho foi apontada a necessidade de desenvolver um ponto de inflexão de caráter filosófico quanto à exponenciação tecnológica, haja vista o caráter replicante e cumulativo da razão instrumental.

PALAVRAS-CHAVE: Tecnologia. Virtualidade. Técnica. Crítica.

ABSTRACT: This paper intends to demonstrate a philosophical analytisis look about the importance of technology, specificaly social network, in people's lifes. Thus, it is necessary to observe some important aspects about technique and technology. Hence, this paper is divided in three main parts, the first part shows the pertinence of the problem around the technology, trying to present that the technical apparatus play a central role in the social relationship. In face of that, we ain expose the reasons about the preponderance of virtuality in the modern social relationship. Thus, in the latter part of the paper points out the necessity of a developpe a philosophical inflexion as regard of exponenciacion tecnológica, considering the replicant and cumulative character of instrumental reason.

KEYWORDS: Technology. Virtuality. Technique. Criticism.

APRESENTAÇÃO DO PROBLEMA: O DESENVOLVIMENTO TECNOLÓGICO

Não é despautério algum supor que uma das principais características da tecnologia no mundo contemporâneo é sua ubiquidade. A causa disso provavelmente é que a partir da Revolução Industrial a ciência passou a ter uma relação mais próxima ao homem comum, sobremaneira no que se refere ao desenvolvimento aparatos que tivessem a capacidade de potencializar a produção de bens e mercadorias. Como agravante, da segunda metade do século XX em diante, no seguimento da segunda guerra mundial, com o aprofundamento da doutrina Truman, os avanços tecnológicos sofreram uma exponenciação nunca antes vista, impactando de maneira duradoura e persistente na vida, e logicamente, no comportamento das pessoas.

Outrossim, seria simplista demais pensar que tal influência da tecnologia nos afazeres humanos tenha sido um caminho de mão única, com vistas ao pleno desenvolvimento social e político, intencionando liberar o homem do trabalho braçal, dando-lhe mais espaço ao desfrute do ócio criativo, dentro da visão difundida por Domenico de Masi¹. O que, em última instância, corroboraria para uma vida mais plena, dedicada aos assuntos mais altaneiros que se possam imaginar. Muito embora, esse vislumbre surreal em torno dos avanços científicos e tecnológicos não tenha se consubstanciado, é inegável que a dependência humana dos confortos propiciados pelo progresso técnico é um fato, portanto difícil de ser contestado.

Em especial, essa postura se reflete enormemente no desenvolvimento sem paralelo das chamadas tecnologias de comunicabilidade. É de domínio público que as pessoas em qualquer parte do globo têm acesso a informações com uma celeridade nunca antes gozada. Dada capacidade, em linhas gerais, faculta aos indivíduos expandir suas vivências para muito além das experiências físicas, dando ênfase na satisfação de seus desejos mais recônditos. Como consequência de toda essa expansão é perceptível que os dispositivos móveis de comunicação pessoal, junto com o desenvolvimento da internet, tenham permitido às pessoas uma forma mais ágil de

¹ Masi, 2000.

aproximar o que está distanciado fisicamente. Como Borgman² afirmaria, a sofisticação da tecnologia pós-moderna se constitui como uma possibilidade de levar o ser humano a cruzar as fronteiras objetivas da realidade, pondo abaixo paradigmas tidos com inexpugnáveis, tal qual o da limitação física, dando margem para a construção de uma hiper-realidade. Seguindo essa mesma linha Lévy³ sugere que a virtualização moderna desterritorializa as experiências, oportunizando o desenlace do entorno físico, uma vez que as vivências humanas passam a extrapolar os limites corpo.

Diante do exposto, ao reconhecer que a organização social é fruto da transmissão de informações e dos meios constituídos para este objetivo, se consubstancia a ideia de que a própria linguagem humana deve ser considerada uma tecnologia social, baseada na cooperação⁴, portanto, influenciando a forma de os seres humanos perdurarem no mundo. Agudizando um pouco mais é verossímil apontar que a transformação tecnológica na ordem da “comunicação e do transporte modifica o sistema das proximidades práticas”⁵, instigando novas dimensões na realidade vivida. Deste modo, existem múltiplas proximidades, vez que o partilhamento tecnológico é multiforme, sem que ocorra obsolescência de um meio por conta de outros. Nesse caso, é muito mais prudente afirmar que os acréscimos propiciam novas maneiras de existência, que por sua tenacidade sobrepõem-se ao que não é mais usual sem necessariamente descartá-los.

Assim, e momentaneamente fazendo uma abordagem mais direcionada às tecnologias pensadas e desenvolvidas para comunicabilidade, é um lugar comum aceitar que a aliança e o uso, da internet, ou os dispositivos móveis de comunicação pessoal tem exercido uma influência absurda no comportamento de milhões de pessoas, principalmente quando se teoriza em termos de aproximação e distanciamento. Ademais, mais do que as tecnologias pesadas, ou hardwares, é quase uma obviedade notar que aos aplicativos de comunicação se deve uma parcela incomensurável de responsabilidade na mudança dos comportamentos dos indivíduos. Isso se reflete de forma irrevogável no estilo de relacionamento cultivado entre as

² Borgman, 1992.

³ Lévy, 2009.

⁴ Pagel, 2011.

⁵ Lévy, 2009, p.22.

peças, uma vez que permite o desenvolvimento de uma hiper-realidade paralela e arbitrária, conformada aos desejos subjetivos de seus usuários⁶. Tendo por consequência que neste novo contexto a interação entre os indivíduos é modificada para uma forma virtual de proximidade, a qual não é debitária em nada do que se considera ser uma realidade plena.

O PROBLEMA PÓS-MODERNO

É desnecessário fazer qualquer encômio à tecnologia, uma vez que esta já é uma realidade dada no mundo contemporâneo. Negar à tecnologia sua importância devida é uma elucubração que chega a beirar as raias do absurdo. É perfeitamente verossímil pensar que toda sorte de instrumental existente cause quase que uma modificação da própria condição humana. Por esse prisma, talvez, inquietações como as de Rousseau, as quais apontam para tecnologia, ou melhor, a técnica como sendo o outro do homem, algo que o desumaniza, terminam por perder sentido e força persuasiva, já que não é fácil defender argumentos que dêem alguma legitimidade a eles.

Ademais, também não é defensável afirmar que a razão calculista, causa mor da técnica moderna, e seus corolários técnicos-científicos, devam ser descartados, ou marginalizados. Não se intenciona também afirmar que estes são o motivo de nosso afastamento do existir enquanto um projeto incompleto, segundo a concepção heideggeriana. Mas, ainda assim, de forma sutil, é factível asseverar que ao ter seu vigor mormente no frio cálculo matemático e na planificação, a razão calculista contemporânea rechaça antecipadamente aquilo que não possa ser previamente calculado e medido, desta feita, fechando ao homem a possibilidade de ser um projeto indeterminado⁷. Deixando aos desígnios do que é racional – técnico e científico – toda destinação humana. Uma vez que a qualidade do projetar é por demais transgressora e incerta para ser encerrada no ambiente do cientificista.

Posto isso, o que vem à lúmen é a percepção de que a tecnologia moderna precisa ser problematizada de maneira ampla, com o fito de encarar suas diversas nuances. Não cabe estabelecer nenhum óbice de antemão. A tarefa hercúlea que se

⁶ Borgman, 1992.

⁷ Heidegger, 2006.

avizinha ao refletir sobre a realidade tecnocientífica que se descortina a nossa frente é eminentemente de natureza prospectiva.

Heidegger se pergunta se o desenvolvimento tecnológico não se encontra enredado em uma escalada compulsiva, em uma espiral infinita, que, em vez de resolver nossos impasses, nos impele, cada vez mais, para a beira da catástrofe - por exemplo, ecológica, o que coloca em risco as possibilidades de uma autêntica vida humana na Terra⁸.

A posição heideggeriana pode ser preliminarmente entendida como a tentativa de consubstanciação de um processo de afastamento, no qual se torne possível perscrutar o enredamento tecnológico a uma distância que forneça um olhar suficientemente criterioso. De todo modo, as preocupações heideggerianas nos levam a entender que a vivência humana subjaz em meio a ciência e a técnica, seja esta última exploradora ou tão somente produtora. É a razão calculista que é predominante. Posto isso, é perfeitamente lícito defender que as variegadas facetas da humanidade, tais como a estética, a política e a ética, se relacionem em alguma medida com tais questões.

Seria quase que um saudosismo metafísico injustificado apegar-se ao ideologismo de que o homem é exclusivamente fruto dos ditames culturais, e que sendo culturais representam uma visão essencialista da natureza humana. O que terminaria por conceber ao homem uma vida a parte das construções técnicas. Sloterdijk pontua que a origem humana é tecnógena, e o é por conta de sua exclusão corporal, o ser humano manipula o mundo que está ao seu redor. Logo, não é desproporcionado pensar que o aquilo que o homem é “depende do que tem à mão. A *humanitas* depende do estado da técnica”⁹.

No caso em tela no momento, é factível extrapolar os argumentos de uma lógica bipolar, a qual parte do princípio da separação inconciliável entre cultura e natureza, e conceber a técnica como vertente determinadora e determinada das questões não apenas culturais, bem como daquilo que peremptoriamente é caracterizado como inato ao humano, desde que os homínídeos conseguiram se desprender de suas determinações exclusivamente biológicas, se convertendo no

⁸ Giacoia, 2013, p.9.

⁹ Sloterdijk, 2011, p.146, tradução nossa.

animal humano¹⁰.

A elucubração proposta acima ganha respaldo ao se levar em consideração tirocínios como os de Stephen Hawking, afirmando que é possível pensar que o ser humano está entrando “em uma nova era, em que a tecnologia vai fazer parte da nossa própria natureza”¹¹, decorrendo provavelmente que não conseguimos definir claramente o que é humano e o que não é, haja vista, que os bens tecnológicos também fazem parte do *ser* do humano. Tendo sido posto tal raciocínio, o tiro de misericórdia é dado quando se percebe “que o ser humano forma sua personalidade e seu organismo em interação com o meio ambiente”¹², portanto, dentro desse panorama se torna incontestável que a plasticidade humana e as interações as quais ele está submetido corroboram para mostrar que faz parte da essência humana não essencializar-se predefinidamente.

Mantendo o pressuposto que a tecnologia invadiu todas as nuances da vida humana, não é desarrazoado algum afirmar que o relacionamento extremamente próximo entre a técnica, a ciência e a produção tecnológica cause uma aparente hipertrofia das capacidades humanas. Assim sendo, de maneira exemplar, cabe ressaltar que se antes precisávamos enviar/ler cartas¹³, bem como também os livros e periódicos etc. para ter acesso ao mundo informacional ao nosso redor, hoje devido ao nosso próprio instrumental, a saber, as mãos¹⁴, um dos fatores que nos transformou em hominídeos, estamos em completa interação com aquilo que nos cerca.

¹⁰ Sloterdijk, 2011.

¹¹ Hawking, 2015.

¹² Castells, 1999, p.93.

¹³ Um interessante aporte para essa perspectiva é a ideia desenvolvida por Peter Sloterdijk, baseando na conhecida frase do poeta alemão Jean Paul, afirmando que os livros são cartas escritas a amigos. A intenção subjacente a essa temática é de que os seres humanos são influenciáveis, e aquilo que historicamente se constituiu como civilidade, pode ser entendido como domesticação. Nesse sentido, para Sloterdijk, até o início do século XX os livros, ou ideias contidas nessas cartas mais longas escritas a amigos não conhecidos, foram responsáveis pela formação do homem europeu, até mesmo as grandes fantasias nacionalistas do século XIX. Contudo, com o aporte da radiodifusão e todas as conseqüências advindas daí, houve uma mudança na forma de se construir o homem enquanto animal modificável. Para mais detalhes acerca dessa tema é possível recorrer ao opúsculo ensaístico *Regras para Parque Humano*, de Peter Sloterdijk, 2000.

¹⁴ A ideia mencionada na passagem acima faz referência ao mecanismo de exclusão corporal, ou seja, foi o momento que os pré-hominídeos, *Homo habilis* e *Homo erectus*, extraviaram, ainda que de forma não intencional suas determinações biológicas, usando as mãos para jogar, cortar, golpear etc. Para uma discussão bastante incipiente sobre o assunto ver: SLOTERDIJK, 2011.

Em decorrência do que vem sendo afirmado, é importante levar em consideração que o ser humano é um ser com certo nível de plasticidade, ou seja, possui capacidade enorme de adaptação, majorada por sua relação intrínseca à técnica. O que faz do homem, portanto, também um ser sugestionável. De tal modo que os fatores circunstanciais e ambientais interferem naquilo que ocorre com o homem, bem como, em muito menor medida, também este – individualmente – também termina por influenciar a realidade na qual se insere.

Da mesma forma, é inegável que com a aumento exponencial das tecnologias de comunicabilidade, o ser humano médio hoje criou laços de conectividade que extrapolam em muito seus limites físicos. Assim sendo, se aceitarmos que a linguagem, enquanto tecnologia de comunicabilidade social, está cada vez mais hiperdimensionada, é perfeitamente viável pensar que a habilidade humana de transmitir e receber informações sofre um constante e imperceptível acréscimo.

Decerto, é importante notar que a preocupação basilar de pensadores tais como Alfred Borgmann e Martin Heidegger no tocante a incomensurável presença da tecnologia nas nossas vidas cotidianas, é sobretudo quanto ao uso positivo que podemos dar a tecnologia, não em negá-la¹⁵. Essa é uma questão que ainda não foi adequadamente caracterizada, mormente no caso das tecnologias de redes sociais, o qual é o caso em voga no momento.

VIRTUALIZAÇÃO

Sendo aceito que na contemporaneidade não existe uma cisão clara e definitiva do que constitui o real e o virtual, é imprescindível tentar entender qual a extensão desses dois conceitos. Posto isso, a priori é forçoso notar que Pierre Lévy¹⁶ aponta o virtual como não necessariamente fazendo oposição ao real, haja vista que esta seria uma simplificação ordinária demais, o que terminaria por deixar de lado importantes considerações acerca da relação real-virtual. Em primeiro lugar, sob a consideração de Lévy¹⁷ não se pode pensar que o virtual é desprovido de veracidade, o que o caracterizaria como uma possível quimera. O virtual tem sua raiz em *virtus*, portanto

¹⁵ Dreyus & Spinoza, 1997.

¹⁶ Lévy, 2009.

¹⁷ *Ibidem*.

é, em linhas gerais, aquilo que existe em potência. Logo, em apoio a isso é importante notar que a vivência virtual não é meramente uma negação da vida real, antes, pode ser vista como uma potência ainda carente de efetivação, mas carregada de sentido do real.

Lançado um olhar superficial sobre o mundo que está ao nosso redor é fácil notar que com o advento massivo das tecnologias de redes sociais, houve um aparente imperar da virtualidade, proveniente do artefato técnico das novas mídias de comunicação, frente a vivência da realidade. Vale lembrar que esse imperar se dá no nível da preponderância, não da mera oposição. Como corolário, é aceitável que com a tonificação do virtual estas tecnologias se tornam condicionantes necessários à vida material. A decorrência lógica deste raciocínio termina por aceitar que a demanda por conectividade virtual se tornou imprescindível na vida de milhões de indivíduos mundo afora. Portanto, em se tratando das tecnologias de redes sociais – as quais, via de regra existem para criar uma aproximação quase instantânea do indivíduo aos fatos, informações e pessoas, os quais não obrigatoriamente vividos no instante em que se entra em contato com eles – se percebe claramente, ainda que de modo paradoxal, que elas tornam supérfluas a exigência da uma condição única, suficiente e necessária, da presença física ou material frente ao mundo experienciado ou vivido. Nesse caso, não seria desproporcional pensar que a vida virtual, facultada pelas novas mídias de comunicação¹⁸, termina por tomar o lugar da vida real, ainda que apenas como mera projeção daquela.

Ainda que jocosamente, é possível parafrasear Sartre¹⁹, e até se pensar que dentro de um certo tempo a virtualidade poderá ser a verdadeira existência a preceder a essência. Posto isso, é importante notar que existe uma corrida frenética quanto a imprescindibilidade da utilização das mídias sociais, como se estas últimas fizessem parte de um paradigma devidamente estabelecido e alicerçado no inconsciente coletivo. Nesse sentido, com o intuito de propor um contraponto necessário, é possível recorrer a um texto jornalístico, que não se pretende mais que uma crônica reflexiva, onde Umberto Eco afirma passarmos por um momento de dependência quase mágica das nossas plataformas móveis, tendo em vista que nos permitem a instantaneidade de partilhar o mundo em uma tela de cristal e um teclado ao alcance de nossas mãos.

¹⁸ Amorim & Castro, 2010.

¹⁹ Sartre, 1987.

Adicionando ainda que:

Nós mal conversamos face a face hoje em dia, nem refletimos sobre assuntos importantes de vida e morte, nem mesmo olhamos para a paisagem enquanto passa pela nossa janela. Em vez disso, nós conversamos obsessivamente em nossos celulares, raramente sobre algo particularmente urgente, desperdiçando nossas vidas em um diálogo com alguém que nem mesmo vemos²⁰.

Sob a ótica angustiante de Eco, estamos completamente inebriados com o poder encantador que a tecnologia coloca em nossas mãos, e esquecemos de pensar em que medida nosso comportamento está sendo modificado paulatinamente pela presença maciça das tecnologias de comunicabilidade virtual em nossas vidas. Estes encontram-se em uma zona de convergência ímpar, onde as fronteiras entre o real e virtual tendem a ser diluídas.

É evidente que a concepção anteposta por Eco pode ser radical, no mau sentido do termo, se não vista com as lentes adequadas, terminando por fazer com as expectativas frente ao mundo técnico-científico não sejam nada alvissareiras, uma vez que nos remetem ao lado sombrio da realidade. E, precisamente por isso é crucial entender que o objetivo de Eco não é de radicalização baseada em convicções cegas, negando ao virtual sua iminência. A vigência de sua proposta se dá como uma admoestação quanto aos encantos do mundo tecnológico, remetendo a uma tentativa de olhar distanciado.

Nesse caso, se poderia ainda transitar pela obra *A ideologia da sociedade industrial*²¹, a qual se torna um aporte teórico fundamental no que tange a tentativa de perceber o aspecto voluptuoso do modo de ser tecnológico na vida das pessoas, sobretudo, baseado na defesa de uma falsa consciência e na distração causada pela obsessão tecnológica, subseqüentemente no devir da virtualidade. Frente a isso, o mapeamento resultante aponta para uma alienação constitutiva do próprio modo de ser do indivíduo moderno, vez que o objetivo prioritário do aparato técnico seria contribuir para assenhoreamento do homem sobre suas condições de vida, paradoxalmente, termina por fazer com que os consumidores se reconheçam nos próprios utensílios tecnológicos.

Frente a reflexão de Marcuse existe o perigo de que nos tornemos pessimistas

²⁰ Eco, 2015.

²¹ Marcuse, 1973.

obsessivos quanto a tecnologia. Contudo, igualmente como no caso de Eco, se faz cogente ultrapassar os elementos aparentes de tal crítica, e compreender essas reflexões como variações de um mesmo tema, não sendo eminentemente depreciativas, no que tange a crítica à ideologia tecnológica. Sendo compulsórias para uma apreensão mais aprofundada e abrangente do cenário que tem sido descortinado. Pois, dadas as atuais circunstâncias, se tais percepções não forem efetivadas, a razão crítica tem a tendência de ser obliterada em prol do mero desenvolvimento material²², o qual é deficitário, unicamente, por não abordar todas as possibilidades vigentes do universo tecnológico.

De todo modo, ainda que se empreenda um juízo depreciativo em relação a clara virtualização da convivência entre as pessoas, por conta, evidentemente, da otimização tecnológica dos meios informacionais, o crescimento da razão calculista não é um processo de irreversível desumanidade. Muito pelo contrário. É pertinente notar que a moderna tendência a virtualidade tecnológica é uma característica natural daquilo que mais caracteriza a humanidade de homem, a saber, ser um feitor de si mesmo, ainda que de maneira um tanto inconsequente, posto que não existe uma intencionalidade com vistas ao objeto técnico, ou como no caso em tela, uma tecnicização das relações ou do ser humano contemporâneo. A única tendência dominante é que a fuga do contranatural do homem é natural ao seu próprio processo de hominização²³. Nessas circunstâncias, virtualizar a vida representa manter-se persistentemente no caminho seguido desde os primórdios. Quiçá pensar o contrário não seja exigir uma postura ilusória em sua pretensão, todavia, inata em sua busca.

Nessas circunstâncias, o virtual não pode ser caracterizado apenas como um possível ainda não realizado, algo desrealizante, segundo as palavras de Pierre Levy²⁴, ou que se consubstanciasse como um contra real. A virtualização é, nesta circunstância, responsável por criar o real²⁵. O virtual, portanto, não nega o real,

²² Adorno & Horkheimer, 1995.

²³ Sloterdijk, 2011.

²⁴ Lévy, 2009.

²⁵ Para explicitar com mais facilidade o que vem a ser virtualização de maneira mais geral, Levy pensa uma empresa moderna, a qual se contrapõe à organização clássica porque esta última incorpora em um mesmo local seus funcionários, prédios, equipamentos etc, todos reunidos de forma bastante cartesiana. Já a empresa virtual prescinde das situações *in loco* para privilegiar o trabalho em rede, acreditando e motivando a cooperação. Precisamente é na cooperação que se baseia todo o equilíbrio da empresa virtual. IN: Levy, 2009, p.18.

presumivelmente ele cria e difunde o real, precisamente pela abundância e fluidez de reais possíveis.

PONTO DE INFLEXÃO

Desde o iluminismo existe no mundo ocidental a ideia de que a técnica e a ciência possuem uma relação intrínseca, de causa e efeito, com o progresso material e, por que não dizer, moral da humanidade. Até na contemporaneidade é lugar comum fazer o tipo de assertiva que defende o caminho único, baseado no domínio da razão sobre o mundo, como responsável por uma espécie de reformulação do homem, onde a racionalidade, a autonomia e a liberdade seriam plenos potenciários sobre a natureza humana, tornando o homem livre de fato de suas características mais animais²⁶. Para Adorno e Horkheimer²⁷ esse posicionamento de extremo otimismo frente ao domínio técnico do mundo deixa entrever aquilo que se poderia nomear de calamidade triunfal, a qual se consubstancia por um estado de autodestruição.

Em um mundo globalizado a tecnologia aproxima de maneira difusa aquilo que está distante. Sloterdijk²⁸ demonstrando uma típica reflexão heideggeriana, deixa entrever que a tecnologia de comunicação coligou de maneira absurda o mundo, onde é possível pensar que as distancias perderam até sua dignidade infundindo no ser humano do século XXI uma situação de êxtase contínuo.

Nesse sentido, é viável pensar na seguinte assertiva do tragediógrafo romano Terêncio: “Sou humano e nada do que é humano me é estranho”. Diante dessa fatídica conclusão, extrai-se uma séria consequência, qual seja, a existência humana é uma batalha entre tendências, sejam bestializantes, sejam domesticadoras²⁹. O homem se apresenta com todas as convergências que totalizam sua humanidade, sejam as de caráter civilizatório reflexivas, ou aquelas de cunho mais animais. O que deixa subtendido que não é possível uma interpretação maniqueísta sobre a natureza humana. Posto isso, e levando em consideração os argumentos postos anteriormente, fica evidenciado que não existe uma sequência única e determinista para a evolução da humanidade ao longo da história, sobremaneira se focada no desenvolvimento

²⁶ Domingues, 2004.

²⁷ Adorno & Horkheimer, 1995.

²⁸ Sloterdijk, 2008.

²⁹ *Ibid.*, 2000.

daquilo que se evidencia enquanto bem, nem tão pouco para produções tecnológicas do homem, ou seja, nem sempre aquilo que produzimos é necessariamente voltado para o nosso progresso moral e social. A esse respeito ainda é viável afirmar que tais condutas são agudizadas, principalmente, quando não é estabelecida uma metodologia crítica acerca da razão instrumental posta em prática a partir do projeto iluminista de domínio da realidade pela razão no século XVIII³⁰.

Em amparo às ideias defendidas é natural que se recorra a Hannah Arendt, em seu *A Condição Humana*, ao defender que uma vida ativa se compõe fundamentalmente, em seu ápice, da ação, ou *práxis*, que por sua vez implica na diversidade interativa entre os sujeitos que a perfazem, a saber, os indivíduos expostos ao universo da sociabilidade política. Por conseguinte, a vida humana não se finaliza apenas enquanto *animal laborans* ou *homo faber*, haja vista que é na ação que o homem deixa de estar apenas no universo das necessidades vitais ou da utilidade, se realizando na produção de homens enquanto tais, urdidos no ambiente da incerteza do diálogo e do discurso³¹. Consequentemente, a produção ou utilização de tecnologias não pode ser um fim em si mesma, tornando-se forçoso também que espaços de discussão e reflexão sejam constituídos, os quais também tenham por desiderato pensar as “mutações” humanas em meio aos artefatos tecnológicos.

Os elementos apontados acima ganham importância principalmente se vistos sob a ótica polarizada da razão instrumental versus razão crítica, cara a escola de Frankfurt, onde se percebe que a técnica moderna, superdimensionada pelo avanços científicos dos últimos trezentos anos, modificou drasticamente a maneira como as pessoas vivem e, mormente, pensam. Nessa toada, as reflexões frankfurtianas têm seu sustentáculo na necessidade de se entender que a razão moderna dispõe de uma faceta praticamente irreflexiva e, em razão disso, estritamente positivista e voltada para o desenvolvimento tecnológico, o qual, em certo aspectos, por sua natureza replicante e cumulativa não é percebida claramente, por objetivar o domínio e intervenção dos meios materiais em benefício do capital³².

Portanto, a arquitetura argumentativa propõe que, a despeito de o *homo sapiens*, enquanto espécie, apresentar uma capacidade imponderável para o acúmulo

³⁰ Adorno & Horkheimer, 1995.

³¹ Arendt, 1995.

³² Adorno & Horkheimer, 1995.

de conhecimento e produção de mundo, quando comparado à quaisquer outras espécies, essa mesma habilidade não parece ser utilizada como um movimento de inflexão sobre si mesmo, ou de reflexão sobre aquilo que já se tem por aceito, tornando escassa a prática do exercício contemplativo, em um sentido aristotélico, sobre a realidade disponível.

Por força do que foi exposto não se intenta defender que a teorização deve ser privilegiada frente às demandas de ordem prática, mas tão somente que o panorama positivista não pode ser visto como um caminho irrevogável e inquestionável na busca pelo progresso humano. Ou ainda, de modo mais drástico, que este caminho seja dissociado de uma ampla teorização, como se fosse a ordem da necessidade que a prática/tecnologia esteja em um âmbito de prevalência maior do que o da ação teórica. Nessa mesma circunvolução, é importante ressaltar que pensar e agir não podem ser tomados como termos antitéticos, ou que possuem uma relação apenas superficial ou acidental. Dentro dessa perspectiva, se a tecnologia acaba sendo consubstanciada conceitualmente como a teorização acerca dos processos técnicos, com o intuito de melhor administrá-los e objetivá-los³³, se torna incontestável a possibilidade de se pensar a tecnologia, em especial a tecnologia das redes sociais, focadas em seu processo de mediação do comportamento humano.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADORNO, Teodor; HORKHEIMER, Max. *Dialética do esclarecimento*: Fragmentos filosóficos. Tradução Guido de Almeida. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.
- BORGMANN, Albert. *Crossing the postmodern divide*. Chicago: The University of Chicago Press, 1992.
- CASTELLS, Manuel. *A sociedade em rede*. v. I. 8.ed. Tradução Reneide Venancio Majer. São Paulo, Editora Paz e Terra, 1999.
- DREYUS, Hubert L.; SPINOSA, Charles. Highway bridges and feasts: Heidegger and Borgmann on how affirm technology. In: *Man and world*. v.30. [online]. [Acesso em 04 de outubro de 2015].

³³ Abagnanno, 1999.

< http://www.f.waseda.jp/sidoli/Dreyus_Spinosa_1997.pdf >

ECO, Umberto. O celular e a rainha má. In. *UOL Notícias*. [online]. [Acesso em 29 de maio de 2015]. < <http://noticias.uol.com.br/blogs-e-colunas/coluna/umberto-eco/2015/05/29/o-celular-e-a-rainha-ma.htm> >.

LÉVY, Pierre. *O que é virtual?* Tradução Paulo Neves. São Paulo: Editora 34, 2009.

HAWKING, Stephen. HUMANOS MODIFICADOS, *O mundo futurista de Stephen Hawking*. São Paulo, NATGEO, 25 de Julho de 2015. Série.

HEIDEGGER, Martin. *Ser e Tempo*. Tradução Márcia de Sá Cavalcante. 7. ed.

Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2012.

GIACOIA, Oswaldo. *Heidegger urgente: introdução a um novo pensar*. São Paulo: Três Estrelas, 2013.

MARCUSE, Herbert. *A ideologia da sociedade industrial: o homem unidimensional*. Tradução Giasone Rebuá. 4.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1973.

MASI, Domenico. *O ócio criativo*. 3 ed. Tradução Léa Manzi. Rio de Janeiro: Sextante, 2000.

PAGEL, Mark. Como a linguagem transformou a humanidade. In: *Ted Talks*. [online]. [Acesso em 20 de dezembro de 2015]. <https://www.ted.com/talks/mark_pagel_how_language_transformed_humanity?language=pt-br>.

SARTRE, Jean-Paul. *O existencialismo é um humanismo*. 3. ed., São Paulo, Nova Cultural, 1987.

SLOTERDIJK, Peter. *Palácio de cristal: para uma teoria filosófica da globalização*. Tradução de Manuel Resende. Lisboa: Relógio D'água, 2008.

_____. *Regras para o parque humano: uma resposta à carta de Heidegger sobre o humanismo*. Tradução José Oscar de Almeida Marques. São Paulo: Estação Liberdade, 2000.

_____. *Sin salvación: trás las hollas de Heidegger*. Tradução Joaquín Chamorro Mielke. Madrid: Akal, 2011.

_____. *Mobilização copernicana e desarmamento ptolomaico: ensaio estético*. Tradução Heidrun Krieger Olinto. Rio de Janeiro: Tempo brasileiro, 1992.